

Rede pública tem 212 escolas depredadas

Angélica Wiedherecker

Pouco antes da volta às aulas, marcada para 8 de março, a Secretaria de Educação se depara com um problema irreversível: quase metade de toda a rede pública do DF precisa de reforma total para reparar os danos causados pela depredação. São 212 das 487 escolas públicas que se encontram em estado "lamentável", como classifica a secretária Eurides Brito. Para executar os serviços necessários, que incluem a reposição de vasos e pias de sanitários e o reparo de vazamentos e pisos, seria necessário mais de Cr\$ 1 trilhão, quantia inviável para o governo, considerando-se que o orçamento de 1993 destinado à Secretaria para investimento total em obras é de Cr\$ 350 bilhões.

A destruição causada pela população acaba por transformar os estabelecimentos de ensino público em "sumidouro de dinheiro", como alerta a secretária, porque o que é consertado em um ano tem que ser reparado no ano seguinte. O orçamento reservado para obras em educação neste ano é caracterizado por Eurides como um "esforço gigantesco do GDF" para manter a rede pública em dia com a população. Com esta verba poderia-se pôr fim ao chamado "turno da fome", com a construção de 90 novas salas de aula; seriam executadas as reformas de escolas dentro de um quadro de normalidade — sem depredação — e ainda a ampliação da rede de acordo com o crescimento natural da demanda,

que gira em torno de sete por cento ao ano.

Para cada reforma total de uma escola-classe de 12 salas são necessários, em valores de hoje, Cr\$ 2,5 bilhões, metade da quantia gasta na construção de uma nova escola. Portanto, com o que seria gasto na reforma de duas escolas, o governo poderia entregar à comunidade uma escola nova. Há ainda o gasto com a recuperação de carteiras destruídas, que ao longo do ano letivo somam cerca de 80 mil — praticamente 1/5 do que é colocado nas salas de aula. Só no período de janeiro a março deste ano, 30 mil carteiras serão reparadas pela Fundação Educacional.

Campanha — "Vamos deflagrar uma campanha de conscientização junto às comunidades em que este quadro de depredação se apresenta de forma mais crítica", conta Eurides Brito. Ela admite que reverter a situação encontrada é impossível a curto prazo, porque o cuidado do cidadão com o bem público só pode ser resultado de um lento processo de aprendizagem. "Entretanto", prossegue, "não temos outra escolha". A secretária pretende visitar as cidades-satélites — onde a depredação é maior — e mostrar às famílias que a perda real é dos alunos, que poderiam ter boas instalações e melhoria de material didático.

Este levantamento feito pela Secretaria de Educação partiu de preocupação do governador Joaquim Roriz, que havia verificado em suas visitas às satélites o mau

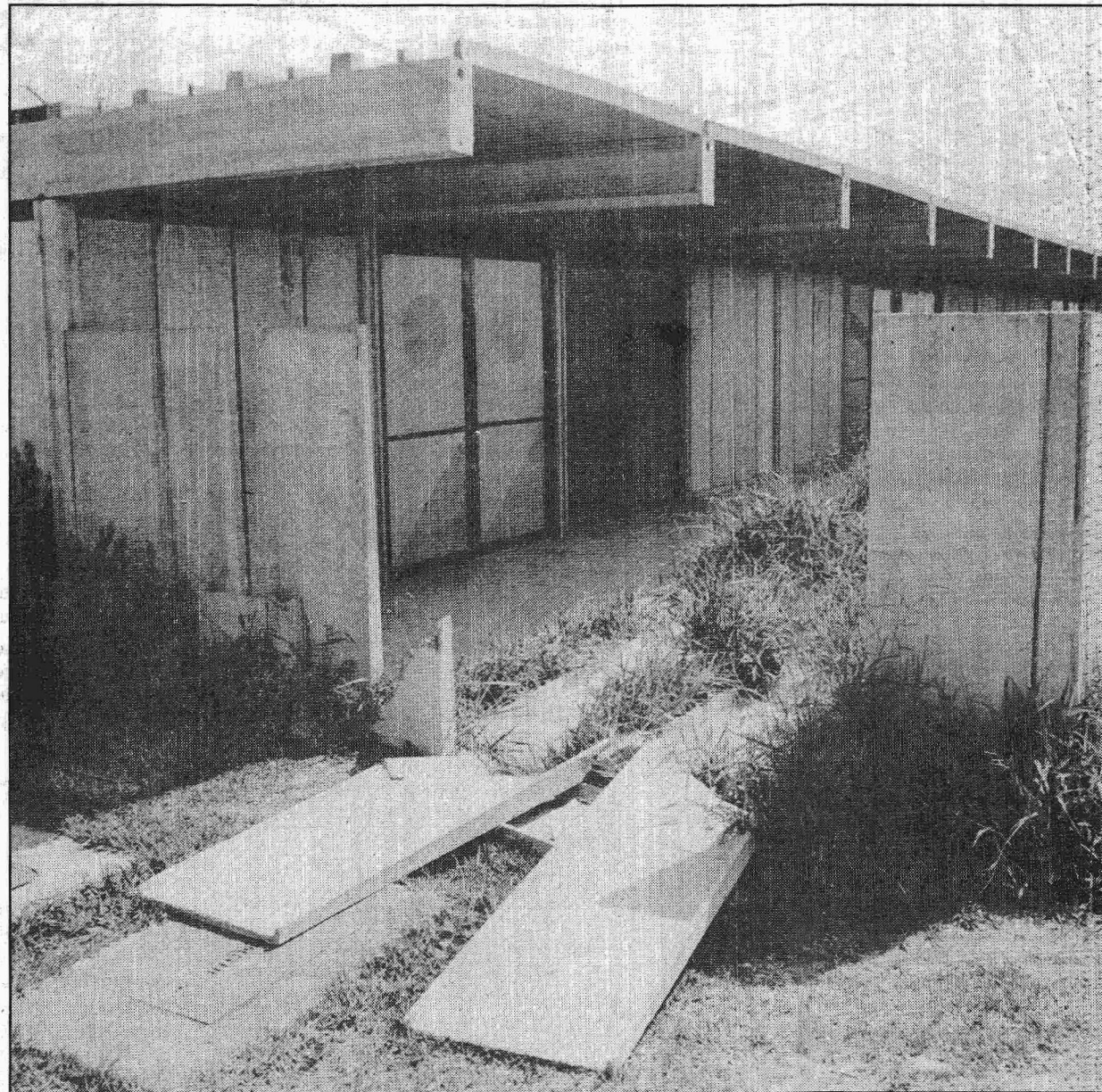
estado de conservação da rede pública de ensino. Os dados obtidos mostram que a situação das escolas varia muito dentro de uma única satélite, o que pode indicar maior ou menor envolvimento da comunidade diretamente atendida pela escola.

Em Ceilândia existem escolas como o Centro de Ensino 7, que foi inaugurado há mais de 20 anos e ainda está em excelente estado de conservação, segundo a secretária. No entanto, o Centro de Ensino 17 da mesma satélite — entregue à comunidade há quatro anos — necessita de reforma completa, fazendo parte da lista das 212 escolas em estado crítico.

Patrimônio — A intenção é levar à população a idéia de que a escola é um patrimônio seu, que deve ser "cuidado", mesmo quando utilizado nas horas de lazer, em reuniões da comunidade, missas e batizados, como adianta Eurides. Ela lembra que a destruição ocorre, na maioria das vezes, durante os finais de semana, e, ao contrário do que muitos dizem, em estabelecimentos com muros. "Não adianta haver muros ou grades, quem quer destruir não encontra obstáculos", lamenta.

Segundo a secretária, existem fartos exemplos de que a conscientização do povo é a saída para este tipo de problema. Ela conta que em países desenvolvidos, onde normalmente as escolas são usadas cem dias a menos por ano do que no Brasil, é preciso realizar uma grande reforma apenas de 20 em 20 anos.

WILSON OTÁVIANO



Os muros não evitam as depredações — também são destruídos — e 212 escolas estão em condições precárias